Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Ganhão”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 195-197. ISBN: 972-774-133-9.

Ganhão.

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Ajuda do boieiro, Ajuda do ganhão, Ajuda dos bois, Ajudando a tirar os carros, Auxiliar do boieiro, Cachopo de lavoura, Carteiro, Contra maioral de bois, Contra-ajuda, Galucho, Ganharia, Homem de concerto, Homem de ganhar, Homem de soldada do lavrador, Homem ganhão, Homem lavrador, Mancebo da lavoura, Mensal, Moço da lavoura, Palheiro, Para ajudar aos bois, Rapaz ajuda do boieiro, Serviços diversos, Temporeiro.

Nas fontes medievais, os ganhões ou *Ganhons* (Figueira, 1267, Saraiva, 1997) podem também ter as designações de *Cachopo*, *Moço* ou *Mancebo da Lavoura*, consoante as traduções da Lei da Almotacaria de 1253 (Ribeiro, 1857, Marques, 1981). Encontra-se também como *Homem de soldada do lavrador* (Figueira, 1269, Saraiva, 1997), pois soldada é o vencimento do criado anual, temporeiro ou mensal. Como sinónimo no século XX temos o *Homem de Concerto* (Lavoura do Monte Padrão, Avis, 1949-51), que significa um trabalhador fixo, concertado ou ajustado ao ano. Em Viana do Castelo existe a designação de *Homem Ganhão* e *Homem Lavrador* ou *labrador* (AMVC, Livro de Passaportes, 1765-67), enquanto em Aveiro em 1724 a designação encontrada foi *Homem de ganhar* (Regimento de ofícios, Barreira, 1995). Nos livros de décimas de Avis também estão presentes entre 1753 e 1778 na escala mais baixa da hierarquia dos criados a quem o lavrador pagava o *maneio* ou imposto sobre o trabalho. Nesta fonte apresentam as seguintes grafias: *Ganhão / ganhões / ganhois* e residem maioritariamente nas sedes das lavouras. Nos livros das casas agrícolas estudadas há sempre vários, geralmente com salários muito baixos complementados por *comedorias* (ver **Criado da lavoura***). Por exemplo, na Lavoura de Lopes de Azevedo, Avis, 1915-19, alguns ganhões recebiam um porco por ano. Noutra lavoura foram descritos como “pau para toda a obra”, que “comiam na casa”: “Eram solteirões, eram velhos, eram pessoas que não tinham família. Tinham como base a comida e depois um irrisório ordenado mensal.” (fontes orais, Monte Padrão, Avis, 1998).

Com algum exagero Gonçalves Pereira (1932) considerava que tanto os ganhões, como os seus chefes, os **Abegões***, eram criados agrícolas muito ligados à terra, mas muito ignorantes e infelizes pois viviam em “casinhas” e em vez de salário contentavam-se com a “maigre nourriture” que o patrão lhes assegurava. E, de facto, José Rosário, que foi ganhão de uma das herdades de Eugénio de Almeida desde 1880 até 1902 e **Feitor*** desde 1903 a 1913, ganhou durante todos estes anos o mesmo: anualmente, 40.000 réis e 870 litros de ensacado; e mensalmente 600 réis para conduto, 58 litros de trigo e 1,5 litros de azeite, o que correspondia, em dinheiro, a cerca de 130 réis/dia, ou seja menos do que o salário médio de muitas jornaleiras. Mas, em contrapartida tinha casa, segurança de emprego e, frequentemente, uma seara nas terras do patrão que lhe conferia não só um estatuto diferente, como uma maior ligação à exploração (AFEU).

O seu trabalho incluía “andar a lavrar com uma junta de bois” (fontes orais, Avis, 1998), com folga ao domingo depois do almoço, para terem direito a comer essa refeição. Também ajudavam a carregar o pão (o cereal) para a eira, trabalho que iniciavam às 3 da manhã, auxiliando o **Maioral das Mulas*** e o **Boieiro***. Ou ainda podiam revolver a terra para enterrar a semente atrás do **Semeador***. Pelo seu trabalho com as bestas, adquiriam também as classificações de *Ajuda* ou *Auxiliar do boieiro* (Alcácer, Leite de Vasconcelos, 1933) ou *Ajuda dos Bois* (Livro das Décimas, Avis, 1753, várias lavouras e Monsaraz, Rocha, 1994), definido por Silva Picão como um dos boieiros, hierarquicamente inferior ao maioral dos bois, “o ajuda lava com o revezo da manhã; o maioral com o da tarde”. Leite de Vasconcelos refere ainda o *Contra-ajuda*, assim como na lavoura do Barão de Almeirim (1918-31) encontramos o *Contra maioral de bois / Contra maioral de bois de trabalho / contra-moiral*, todos com a função de ajudantes dos maiorais. Outro dos auxiliares do boieiro era o *Palheiro*, o rapaz que trata das reses à noite e lhes dá a palha (Silva Picão).

O ganhão propriamente dito podia ainda ter um *Ajuda do Ganhão* (Arraiolos, Contribuição Municipal, 1839) e na lavoura de Palma encontrou-se ainda a designação de *Carteiro*, talvez por acumular o serviço do **Paquete*** e levar cartas ou recados.

Em Monsanto, além do trabalho com a junta de bois, Maria Leonor Buescu (1958) descreveu outro serviço realizado pelo Ganhão: “Se os terrenos são inclinados – o que

acontece com frequência – e alagadiços, os *ganhões amargeiam* a terra, isto é, fazem, com o arado, regos no sentido da inclinação do terreno para dar escoamento às águas das chuvas.”

O *Ganhão*, assim, é um **Criado da Lavoura***, um trabalhador justo, do sexo masculino, indiferenciado, mas vocacionado para a lavoura de cereais. Silva Picão define o conjunto dos ganhões como a *Ganharia* ou a *Malta* (ver **Jornaleiro***), um grupo de número indeterminado que faz qualquer serviço necessário. “Topa a tudo, por assim dizer (...) o chefe da *ganharia* é o **abegão*** (...) São os moços da lavoura propriamente dita e de outros serviços, como cavas, acarretos, eiras, etc.”. Os principiantes têm a designação de *galuchos*, rapazes adolescentes de catorze a dezasseis anos que ainda não lavram «de efectivo». Entre os ganhões de uma casa pode haver duas categorias: os «de pensão» e os «rasos». *De pensão* são “um ou outro anual que se acomoda com a obrigação de em certo tempo destacar para tal ou tal serviço extraordinário”, enquanto os *Rasos*, de *mãozeira*, *temporeiros* ou de *dias* são a quase totalidade que, regra geral, se ocupam nos trabalhos ordinários, sob as ordens e vigilância do abegão e do sota. “São a massa anónima das centenas de indivíduos que se sustentam das herdades. (...) o ganhão raso é simplesmente máquina de trabalho, para que só se exige robustez e um bocado de compreensão (...) Fora das sementeiras outonais e das colheitas, em que tudo acode a ocupar-se nas ganharias, no restante do ano a melhoria do pessoal deixa as lavouras para servir *de jorna* nas lenhas e cavas” (Silva Picão, Elvas, 1903). Leite de Vasconcelos (1933) define o ganhão como um “criado da lavoura, justo por um ano, de S. Miguel a S. Miguel”, que lava com o gado e o arado do patrão, e que é pago ao mês em géneros e dinheiro.

“Sim, pobre ganhão que seja, ele é um rei nos seus domínios. Não há outro português mais rico de pão, agasalhado por tão quente manta de céu e dono de tantos palmos de sepultura. Que minhoto ou estremenho se pode gabar de ver sempre o vulto dum seu irmão, que não tem medo da imensidade a abrir um risco de fogo e de esperança com a ponta da charrua?” (Miguel Torga, 1988).